



GRITO NO NORDESTE



Custo de vida Com esse aumento como podemos comer?



EDITORIAL

CUSTO DE VIDA, é sobre esse assunto tão falado, tão discutido hoje no Brasil, que dedicamos especial atenção nesta presente edição do "Grito do Nordeste".

CUSTO DE VIDA será também o tema de nossa Assembléia Geral, realizada todos os anos pelos companheiros de A.C.R., e que tem data marcada para 19 a 26 de outubro próximos, no Seminário, de Olinda.

Nesta edição vamos ver um grande relato de fatos que mostram como a "situação está quente". As inúmeras perseguições a Igreja comprometida com a causa dos mais pobres, o surgimento de mais casos de expulsões de terras, o progresso que leva a grande maioria das populações à fome e à miséria, e a falta de garantias de vida para o trabalhador rural que reivindica seus direitos e se organiza nos sindicatos, prova disso os quatro assassinatos de líderes do campo.

Perguntamos: E que providências toma o Governo?

Continua vendendo o nosso Brasil. Agora chegou a vez do Japão conquistar mais uma "fatia do bolo", num projeto entre os dois Governos, que vai gerar inúmeros conflitos de terra nas regiões de Goiás e Minas Gerais.

O "Grito do Nordeste" é o termômetro dentro dessa situação, cabe a nós cristãos refletí-la em nossas Comunidades e à luz do Evangelho traçar nosso projeto de ação, nossa caminhada.



ALAGOAS:

Aqui os companheiros estão trabalhando, apesar das dificuldades. Somente eu que estou parado, pois ainda não me recuperei da difícil operação que sofri.

Mas com toda esta dificuldade, não me desanimo e confio em Deus que um dia ainda posso lutar junto aos companheiros da ACR por um mundo mais justo e mais humano, pois enquanto não morrer estarei firme em minha opção pelos mais pobres, principalmente os trabalhadores da cana.

(Sítio Prata)

CEARÁ:

Nós, de Gado dos Rodrigues, somos uma comunidade pobre que consta de 42 famílias, temos apenas o apoio do nosso vigário.

Vivemos trabalhando sem condições de vida, falta de terra para o trabalho, o custo de vida nem se fala, falta de emprego, criando nossos filhos com a maior dificuldade de estudos. Pagamos o sindicato, mas só temos assistência de um pouco de remédios mensal e médico, onde pagamos ainda 25 cruzeiros mensais.

Vivemos trabalhando neste bairrozinho, com o espírito voltado para Cristo, esperando a ajuda de outros irmãos. Temos um pequeno grupo de jovens, uma escolinha onde ensinamos catecismo as crianças do bairro. Agora mesmo, com muito esforço da comunidade e outras ajudas de irmãos distantes, construímos uma capelinha onde fazemos as nossas reuniões e as celebrações aos domingos.

Não trabalhamos sozinhos, temos entrosamento com outras comunidades, mas temos ainda pouca experiência de trabalho. (Palmácia).

PARAÍBA:

Uma das nossas lutas é pela terra, na fazenda Poço Doce, e esse ano o juiz deu o despacho de posse provisória. A área de 500 braças estava sem cercas.

Temos também, uma área cedida pela paróquia para uma experiência de roça comunitária. Nesta área estamos fazendo outra cerca de 350 braças, além de barragens e plantações.

São seis dias da semana para trabalhar alugado, para fazer feiras, para não ficar

Os Amigos Escrevem

isolados da base. No dia de feira, que é quinta-feira, nós aproveitamos a ocasião para conversar sobre os nossos problemas. Todo esse trabalho que falo de roça, cerca, casa e outros, a gente vem fazendo aos domingos.

Estamos animados, pois o trabalho está sendo mais de ação do que de viagens.

Ainda em torno do meu trabalho como membro da ACR, está muito ligado ao sindicato. Estamos enfrentando uma luta pela compra de uma propriedade de 1.446 hectares de terra, que acumula quarenta famílias.

Após tudo acertado para a compra, pelo Projeto Sertanejo, os proprietários calados, venderam a propriedade a um outro de João Pessoa. O caso foi levado à Federação e à Secretaria da Agricultura que prometeram solucionar o problema anulando a escritura da tal venda.

(Barra de Santa Rosa)

PERNAMBUCO:

Pego no lápis para dar minhas notícias e dos meus companheiros. Na região da cana tem muitos acontecimentos importantes. As perseguições, mortes e injustiças continuam no meio rural.

Os pelegos estão fazendo muito medo para que os trabalhadores não procure os direitos na Justiça. Mandaram até buscar um vigia do Estado de Alagoas, só para dar "piza" em duas classes de gente: os que botaram causa na Justiça e os que chuparem cana.

Agora temos uma coisa a dizer:

Assim mesmo, com tudo isso, não estamos desanimados.

Muitos cortadores de cana estão trabalhando nos Engenhos à 10 léguas de distância, saem às cinco horas da manhã e quando voltam são dez horas da noite. Eles tem dez horas extras por dia.

Até agora somente dez trabalhadores procuraram a Justiça, o resto está com medo, isso no Engenho Alegrete, da Usina Pumaty. No Engenho Eldorado, 31 trabalhadores ganharam na Justiça as causas e a usina está com raiva, não querendo pagar os 25 mil cruzeiros que cada um tem direito à receber e que já está correndo juros e correções monetárias.

Peço que rezem por mim, para que os pelegos não me vejam e que esta doença que se chama medo não pegue em mim e nos companheiros que lutam pela liberdade. A liberdade é a terra livre. (Água Preta).

PIAUI:

Aqui no Piauí, a safra foi muito pouca, apenas 20% do esperado, tanto do milho como o feijão e o arroz. O governo está dando fundo perdido, mas o trabalhador não é participante, quem participa é o

proprietário esperto, que às vezes faz negócio com duas propriedades.

As pessoas que vivem em regime de economia familiar e o trabalhador que tem 20 hectares de terra, estão encontrando dificuldades.

Na cidade de Piracuruca, localidade Boqueirão, a Diocese de Campo Maior possui 14.362 hectares de terra. Ali moram 128 famílias com aproximadamente 800 pessoas, a maioria vivendo na área há mais de dez, quinze, vinte anos. Plantam, criam animais e pagam renda à Diocese.

Há algum tempo, a Diocese de Campo Maior vem negociando essas terras com empresários do Ceará. No acerto da venda, por três milhões de cruzeiros, o empresário se comprometeu a manter os moradores na terra. Agora, que a escritura foi passada, embora ainda não tenha sido feito o registro de imóveis, o comprador ameaça de expulsão os moradores, cercando as terras proibindo-os de criar animais e exigindo que fiquem apenas os que quiserem trabalhar para ele em seu projeto agropecuário.

Com o apoio do Sindicato, os trabalhadores vêm resistindo a sair da terra e, inclusive já manifestaram seu desejo ao Bispo de Campo Maior e à CNBB de comprar a terra, desde que lhes seja financiada.

No momento crescem as pressões sobre os moradores, pois o empresário quer ultimar a compra. A Diocese não quer voltar atrás, pois afirma que já deu sua palavra. Os lavradores, entretanto, estão resistindo na terra e precisam da solidariedade de todos os interessados na justiça social.

É necessário lembrar à Diocese de Campo Maior e a toda a Igreja do Piauí que as 128 famílias ameaçadas de serem expulsas das "terras da santa" não terão PARA ONDE IR. (Campo Maior).

"GRITO NO NORDESTE"

ANO 14 - Nº 56

JULHO-SETEMBRO/1980

Realizado pela Equipe Central da A.C.R. (Animação dos Cristãos no Meio Rural)

COLABORADORES:

Gerson, Sílvia, Colette, Marcos, Arnaldo, Marcílio, Nonato, Gilvan, Padre Afrânio, Padre Jerônimo e Padre José Servat.

DIAGRAMAÇÃO E ARTE:

Ivanildo Diniz Araújo

REDAÇÃO:

Rua do Giriquiti, 48
RECIFE/PERNAMBUCO
CEP - 50.000
FONE: 231-3177

O PAPA NOS VISITOU

Parecia mentira. Parecia uma ilusão ou mesmo um sonho. O papa no meio de nós. Coisa nunca vista. Comadre Zefa até pensou que era o fim do mundo: tão grande foi o sucesso.

Agora que ele se foi, o que ficou marcado em nós? O que ficou no nosso coração, na nossa consciência, no nosso projeto de ação?

Ainda ecoa nos nossos ouvidos as duras críticas que ele fez a esse sistema econômico que nos arrocha, marginaliza e mata. NÃO ESQUECEMOS o que ele disse em São Paulo aos operários, no Morumbi no dia 3 de julho: *Muitas vezes, uma lógica econômica exclusivista, mais depravada ainda por um materialismo grosseiro, invadiu todos os campos da existência, comprometendo o ambiente, ameaçando as famílias e destruindo todo o respeito pela pessoa humana. As fábricas lançam seus dejetos, deformam e poluem o ambiente, tornam o ar irrespirável. Ondas de migrantes se amontoam em casebres indignos, onde muitos perdem a esperança e acabam na miséria. . . . Ao lado de bairros onde se vive com todos os con-*

fortos modernos, outros existem onde faltam as coisas mais elementares, e algumas periferias vão crescendo desordenadamente. Muitas vezes o desenvolvimento se torna uma versão gigantesca da parábola do rico e Lázaro”.

O papa não parou na constatação desse quadro triste, desenhado pelo sistema econômico que nos domina. Ele fez um forte apelo para mudar essa situação. E para isso convida a todos; e de modo especial os cristãos e nos diz: *“A fé faz disso um dever”.*

É importante notar, como o papa, confirma todo esse trabalho evangelizador unindo a fé à responsabilidade de transformar essa sociedade. Esse é o fundamento de toda ação do nosso movimento. A base, o motivo fundamental do nosso trabalho é esse: Nossa fé impõe o dever de transformar esse mundo num mundo mais justo e mais humano.

Seguindo a essa mesma linha, outra coisa que nos impressionou bastante nessa visita do papa, foi o apoio claro e firme a toda Igreja comprometida com os marginalizados, com os camponeses e ope-

A EMERGÊNCIA DA FOME

O governo mais uma vez demonstra que não tem interesse em acabar com a seca no Nordeste. A emergência programada por este Governo é mais uma enrolada que visa enganar o homem do campo e enfraquecer suas lutas, obrigando-o a se sujeitar a um salário de fome de Cr\$ 2.400,00 ou arriscar, às vezes com idade já avançada, a saída para o sul do país em busca de melhores dias.

As denúncias vindas de todo o Nordeste nos dão uma visão do estado de sujeição em que se encontra o nosso trabalhador rural, que ainda não conseguiu se organizar para exigir o que lhe é de direito e não receber esmolas do Governo.

No Estado da Paraíba, um dos mais atingidos pela seca, tivemos a oportunidade de constatar uma frente de trabalho, na qual 120 homens se sujeitam a reconstruir um açude na propriedade de um grande latifundiário, sem a menor assistência de técnicos ou de engenheiros, que só passam pela obra de mês em mês. Os instrumentos utilizados para o trabalho, são dos próprios trabalhadores. A situação é revoltante e, como se não bastasse, o miserável salário é pago com atraso de 10 a 15 dias, ficando na maioria das vezes nas mãos dos burocratas.

Em Pernambuco, a coisa não é diferente. Na região de Pesqueira e Alagoinha os trabalhadores que há quase três meses se ficharam na emergência só receberam o dinheiro de um mês.

A situação chegou a tal ponto, que alguns deles caíram de fome enquanto trabalhavam na roça. Diante desse fato, uma das mulheres dos agricultores tomou a frente e reuniu os companheiros de Lagoa de Dentro e dos sítios vizinhos e foram até Alagoinha exigirem do prefeito e das autoridades que tomassem providências “que eles estavam morrendo de fome”.

O prefeito sabendo disso correu da cidade e pediu reforço à Delegacia Regional de Pesqueira, de onde vieram 10 soldados armados até os dentes para reprimir os trabalhadores.

A mulher, mais uma vez, tomou a frente e diante dos policiais e de alguns vereadores que ficaram disse: “Nós não viemos a cidade para assaltar ninguém, apenas estamos querendo que as autoridades tomem alguma providência”.

Com esses fatos temos idéia de como é difícil a situação em todo o Nordeste e temos consciência que isto só vai melhorar quando os trabalhadores do campo e da cidade estiverem unidos e organizados para reivindicar os seus direitos.

rários. Foi significativo os abraços que o papa deu em operários, vítimas de torturas, em bispos claramente perseguidos pelo Governo como Dom Helder e Dom Evaristo Arns.

Estão bem presentes as palavras que ele dirigiu a nós camponeses em Recife, em que, reconhecendo nossa situação de “penúria, subalimentação, analfabetismo, insegurança” afirma que “a terra é dom de Deus, dom que ele faz a todos os seres humanos . . . não é lícito, portanto, porque não é segundo o desígnio de Deus, administrar esse dom, de tal modo que os seus benefícios aproveitem só a alguns poucos, ficando os outros, a imensa maioria, excluídos. Mais grave ainda — diz o papa — o desequilíbrio e mais gritante a injustiça a ele inerente, quando essa imensa maioria se vê condenada, por isso mesmo, a uma situação de carência, de pobreza e marginalização”.

Essa acusação tão dura do papa a esse sistema econômico que organiza assim o meio rural que conhecemos, é um apelo muito forte à transformação. Essa transformação não é só uma sugestão do papa é um dever e uma responsabilidade.

Está bem gravado em nós o que ele disse em Teresina se dirigindo aos piauienses e através deles a todos os nordestinos: *“É para vós de uma forma ao mesmo tempo patética, desafiadora e estimulante, a palavra do Senhor “Dominai a Terra” (Gen. 1,28). Vossa fé e piedade sejam um novo impulso no vosso esforço em vista de um pleno desenvolvimento. Esta fé nos diz que não é vontade de Deus que seus filhos vivam uma vida desumana. Vontade de Deus é que cada homem atinja, o melhor possível, sua plena estatura humana. Voltai-vos para Ele, Pai bom e providente (Mat. 6, 25 e 7,11) para buscar n’Ele não uma desculpa à inércia e à passividade, mas a coragem para continuar vossos esforços”.*

Dessa maneira o papa nos chama atenção para não fazer de nossa fé, de nossa devoção um meio para se acomodar e aceitar toda espécie de miséria, como espontaneamente alguns de nós, no campo, tende a viver a sua fé. Pelo contrário, é exatamente essa fé que nos deve animar para sair, para nos arrancar da miséria, para enfrentar unidos as condições injustas e contrárias à verdadeira vontade do Pai.

Poderia alguém pensar: “mas tudo isso que disse o papa a gente já dizia em nossas reuniões, já procurava realizar em nossas lutas”. É verdade. O papa, porém, confirmou com sua autoridade de Pastor Universal da Igreja, aquilo que os cristãos: sacerdotes, leigos, bispos estão procurando fazer quando se comprometem com o despertar dos pobres para sua união, para a busca da justiça, para a transformação dessas situações de miséria que destrói o homem, imagem viva de Deus.

“Aumentou o custo de vida”; “Do jeito que está o custo de vida, o pobre não vai mais comer”; “Dessa maneira pobre não vai mais poder viver”, essas são as frases que hoje o trabalhador vive repetindo a todo momento.

“Custo de Vida”, o próprio nome já diz: — o quanto é preciso gastar para continuar vivendo e fazendo a família viver. É aquilo que a gente chama de Carestia.

Sabemos, então, que ao subir o preço do feijão, do arroz, da farinha e da carne somos forçados a viver pior, pois os salários não acompanham o aumento dos preços.

Se o salário representa, ou deveria representar, o que se ganha pelo esforço gasto na produção de mercadorias, chegamos a triste conclusão que nosso trabalho cada dia vale menos.

Nosso trabalho produz mercadorias. Essas mercadorias tem um valor que aparece no preço.

Se o preço sobe, a vida do trabalhador deveria melhorar, já que ele é o principal responsável pela produção de mercadorias.

Mas é isso que acontece na realidade?

Claro que não, o que ocorre é que a medida que os preços sobem, o salário do trabalhador fica mais curto. É como se diz na linguagem dos economistas: “diminui seu poder aquisitivo”.

AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Para se saber quando aumentou o custo de vida, basta comparar o mês atual com o mês passado. O custo de vida não pode ser medido pelo aumento de duas ou três mercadorias, tem que ser o aumento de todas as mercadorias que são usadas durante o mês.

Se se gastava Cr\$ 3.000,00 por mês, e para comprar as mesmas coisas no mês seguinte se gastou Cr\$ 4.200,00, então, o aumento foi de Cr\$ 1.200,00. É claro que umas coisas aumentam mais que as outras.

A carne que o ano passado custava Cr\$ 70,00 agora custa Cr\$ 200,00. O leite que custava Cr\$ 10,00 agora custa Cr\$ 20,00. O próprio feijão que o agricultor planta, agora custa Cr\$ 80,00 e ele não pode mais comer.

O feijão só está faltando porque o trabalhador rural não tem terra para plantar. As terras estão nas mãos dos ricos.

O LUCRO

Se o salário pago pelo patrão (dono dos meios de produção: fábricas, terras, etc.) se torna menor e a mercadoria sobe de preço, o lucro cresce cada vez mais. O lucro é o resultado da compra barata da força de trabalho do homem, isto é, o trabalhador vende seu trabalho por um salário injusto e miserável.

Essa exploração faz com que o trabalhador seja cada vez mais pobre e o custo de vida cada vez mais alto.

Chegamos ao ponto mais alto da questão:

“O lucro, a ganância pelo lucro e o desprezo ao homem”.

Os proprietários desejam o lucro máximo e assim sendo, diminuem cada vez mais o salário do consumidor (quem compra) e aumentam os preços das mercadorias.

Eis o terrível mal do Capitalismo, que atinge a todos que vendem sua força de trabalho e recebem em troca um dinheiro que não corresponde às suas necessidades: comida, moradia, remédio, higiene, diversão, educação, etc.

O lucro vai parar nas mãos de um pequeno grupo de homens, que muitas vezes não são nem brasileiros e dominam a economia do país.

CUSTO DE VIDA RESULTADO DA EXPLORAÇÃO



A INFLAÇÃO

Hoje no Brasil é o prato do dia falar e ouvir falar em inflação.

Às vezes a gente ouve e pensa que inflação e custo de vida são as mesmas coisas. Parece, mas não são.

O custo de vida é calculado pelo aumento dos preços, apenas daquilo que a gente usa.

Para o trabalhador que não pode comprar automóveis, pouco importa um aumento nos preços dos automóveis. Não vai mudar nada no seu custo de vida.

Mas com a inflação é diferente. Todos os aumentos que houver nas mercadorias, inclusive e especialmente nas que os ricos usam, como os aumentos dos luxos do governo e dos gastos com armas, entram na inflação.

Vejam só, o aumento da gasolina não entra no custo de vida do pobre. Ele não compra gasolina, mas entra na inflação. Isso faz com que acabe entrando no custo de vida do pobre. Como isso acontece?

Quando a gasolina fica mais cara, aumentam também os preços dos transportes e de todas as mercadorias que são transportadas.

A RAIZ DO MAL

A inflação não está isolada. Ela está ligada ao sistema econômico e político do país — essa é a raiz do mal.

Num país capitalista como o nosso, onde o mais importante é o lucro, não há controle da produção nem da comercialização.

O rico produz o que quer e quando quer. Ele mesmo é quem determina. Quanto mais o povo procura as mercadorias, mais ele produz.

Também o governo, como empresa, controla boa parte da economia nacional. Principalmente na área de pesquisas, tec-

DE VIDA TADO ORAÇÃO

nologia, energia, água, comunicação, mineração como: o ferro, o petróleo e outros. Também o álcool e a agricultura são controlados pelo governo, como no Vale do São Francisco através da CODEVASF.

A política é usada para favorecer aos ricos, e principalmente, as grandes empresas estrangeiras (multinacionais) como a Wolksvagem, a Shell, a Texaco, a General Mottors, o Projeto Jari, a Fiat e outras.

Por muito tempo o governo, através do seu ministro Delfim Netto, disse que os responsáveis pela inflação brasileira eram os salários dos trabalhadores.

Para resolver o problema decidiu não dar o aumento necessário aos trabalhadores. O aumento era e é sempre abaixo do índice de inflação, isto é, se a inflação for de 85% ele dá 65% de aumento nos salários.

Um período que foi marcado pela exploração que se estende até hoje, foi o de 1967 a 1973, quando o governo sem pagar salários justos, abriu as portas do Brasil para as multinacionais.

Deixou grandes empresas de automóveis, televisores, geladeiras e outras, à vontade e elas começaram a enricar mais ainda.

Naquela época o governo, através da propaganda no rádio e na televisão, começou a dizer que estava acontecendo o "milagre brasileiro".

Que milagre, que nada! Estava acontecendo a exploração do brasileiro.

Hoje, se diz que o principal responsável pela inflação tão alta, é o petróleo. É também o responsável pela enorme dívida externa.

Claro que o petróleo contribuiu, mas não é o único responsável. Quem consome a gasolina não é o pobre, mas o rico. Quem deveria pagar é o rico e não o pobre trabalhador.

FÉ E ESPERANÇA NA LIBERTAÇÃO

A nossa vida é um dom que exige a responsabilidade de mantê-la, defendê-la e desenvolvê-la. Sendo o dom mais precioso, seu preço é alto: o preço do nosso trabalho, o preço do nosso suor e sacrifício.

Dizemos que, para nós, a vida é um dom de Deus que exige muitas responsabilidades.

Quando a nossa vida está assim tão ameaçada, o que fazer? Quando o nosso trabalho e todo o nosso sacrifício não dá para sustentar o dom da vida, por conta da exploração de alguns, como agir?

Aceitar a morte lenta? Conformar-se?

Conhecemos companheiros que, apesar de todo sofrimento, não tem mais coragem para lutar, para buscar uma saída.

Para agir é necessário ter fé e esperança num projeto maior que nós, que nos dá sentido à vida.

Nós não somos indivíduos soltos, isolados, perdidos no meio do mundo, sozinhos com nossa dor e nosso sofrimento. Essa dor e esse sofrimento não só é vivido por muitos, mas esses muitos fazem parte de um grande povo, o povo de Deus. Esse povo tem um projeto de vida e libertação.

Projeto de libertação que significa uma, teimosa e perseverante, não aceitação a toda forma de opressão e injustiça.

Projeto de vida que significa a busca combativa, não só na defesa da vida, mas na conquista de uma vida cada vez melhor e mais plena.

É claro, esse nosso projeto vai de encontro ao projeto dos que, hoje, manipulam os preços, impõe seus interesses, tornam nossa vida impossível. Mas isso mesmo aconteceu com o projeto de libertação de Deus em relação a seu povo escravo no Egito, que se chocava contra o projeto do Faraó que baseava sua glória e esplendor, nos trabalhos forçados, no trabalho escravo do povo de Deus.

Mas não basta ter a idéia de que somos povo de Deus e que temos um projeto de vida e libertação.

Hoje, o custo digno e responsável da vida não é só trabalhar a terra, produzir o pão, pois isso se torna muito pouco para mantê-la e salvá-la.

O custo digno e responsável da vida é um grande combate unido a milhões de companheiros nossos.

O preço digno e responsável da vida, hoje, pode ser até a morte no combate — como Jesus Cristo — em busca de mais vida, verdade, justiça e liberdade.



COMBATE À CARESTIA

Pode-se dizer que está é uma situação perdida?

Claro que não. É possível combater o alto custo de vida. Para isso é necessário se organizar, essa é nossa tarefa urgente.

A medida que compreendemos melhor a coisa, sentimos logo a necessidade de uma organização. Unidos e organizados agiremos sempre melhor.

Sabemos que o órgão de reivindicação dos trabalhadores rurais é o sindicato. É participando dele que faremos com que ele cresça e defenda nossos interesses. É participando dele que exigiremos terra para quem nela trabalha. É participando dele que aumentaremos nossos salários, exigindo menores preços nas mercadorias. Assim estaremos na luta contra o custo de vida. Mas antes, é necessário perguntar:

Como podemos exigir sem que conheçamos o verdadeiro índice de preços, a desvalorização de nosso salário, nosso suor, nosso sangue?

Como exigir o que é nosso, sem saber o quanto nos tiraram? Como compreender melhor e aprofundar a reflexão sobre o custo de vida?

Será isso importante para a luta dos trabalhadores?

Sem essas preocupações é possível agir e mudar a dura situação?

EVANGELHO NO CAMPO

ALAGOAS

Nos dias 23 e 24 de junho fizemos em Gerais um encontro sobre a vida da família de São João.

Houve muita cantoria, brincadeiras, e algumas perguntas para a reflexão, como por exemplo: Se São João chegasse aqui e agora, o que ele denunciava?

Denunciava as pessoas que gastam o dinheiro de 20 ou 30 casas de famílias. Em apenas uma família há fartura, enquanto o vizinho não tem casa.

Também denunciava as pessoas que tomam conta das terras e só plantam capim e cana, não deixando o pobre plantar lavoura.

No último dia do encontro fizemos uma pequena passeata com cantos, placas com fotos de vários trabalhadores e do papa, com algumas frases: "São João morreu degolado. Sem terra e sem salário, não é uma degolação?" A missa foi celebrada no final, com a participação de todo o povo.

BAHIA

No dia 24 de julho comemorou-se em Xique-Xique, pela primeira vez, o DIA DO LAVRADOR, com a colaboração da Igreja, Fundifran e Sindicato. Vinte e duas comunidades estiveram presentes no ato, perfazendo aproximadamente 1000 lavradores.

Com faixas, cânticos, cartazes, os lavradores reivindicaram: "Queremos Reforma Agrária"; "Justiça"; "O Sindicato é Nosso"; "Povo Unido Jamais Será Vencido".

Cada comunidade trazia como oferta, o produto de sua lavoura: feijão, milho, abóbora, mandioca, etc. transmitindo sua força, união na conquista pelos seus direitos, através do seu órgão de classe, o sindicato.

A passeata em forma de Via-Sacra dividiu-se em três momentos, nos quais o próprio camponês usava da palavra para denunciar e encenar seu sofrimento e lutas, que são continuação do sofrimento e morte de Jesus Cristo. Como Jesus venceu o sofrimento e a morte na Ressurreição, também o lavrador continua unido na luta pela conquista de uma existência mais digna e humana.

Dentro da comemoração encenaram-se atos de grilagem de terras, lembrou-se nomes de personagens que tombaram nessa luta, encerrando-se com a disposição, na mesa eucarística, das ofertas trazidas do campo.

O lavrador presente vibrou com o acontecimento e levou a mensagem para a sua comunidade.

MARANHÃO:

Comunicamos a todos daí, que trabalham por um mundo melhor, que no dia primeiro de maio próximo passado, foi criado aqui em Caxias, um Núcleo da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos e do qual nós somos responsáveis e também com representantes da C.P.T. do Maranhão.

Estamos felizes, pois não ficamos desgarrados como ovelhas sem pastor, tivemos o apoio e solidariedade de todas as comunidades daqui, dos lavradores, operários, dos jovens e de toda gente amiga espalhada neste nosso Brasil.

Nos povoados São Paulo, Santa Rosa e outros vizinhos, os lavradores estão na luta firme contra o grileiro que, há três meses quer tirar 29 mil hectares de terra, onde os posseiros trabalham há mais de 80 anos, sem conhecer donos, agora aparece um falso dono. Mas o mais importante é a organização do povo. Já queimaram arames e portões do grileiro e dizem que ninguém toma, foi Deus que deu para eles. Até armados estão para defender a terra, pois eles acham que não tem outro meio. Eles dizem que não acreditam no governo, nem no INCRA, somente nas pessoas que ajudam-nos a descobrir seus direitos.

PIAUI

Nos dias 20 a 22 de junho passado, realizou-se em Amarante um Encontro Regional organizado pelos trabalhadores e a CPT. Tivemos aproximadamente 50 participantes de 5 municípios, o tema debatido foi a parte fundiária do Município, Estado e País. Formulamos a seguinte pergunta: Quais os principais problemas que os trabalhadores rurais enfrentam na sua localidade?

Falta a terra, união, organização de classe, créditos, educação suficiente, máquinas, etc. Os que trabalham em terras arrendadas, pagam renda muito alta. Como a seca acabou com tudo que os trabalhadores plantaram e não deu para pagar a renda, os patrões disseram que não arredam mais suas terras. Com isso muitos trabalhadores arriscam suas vidas e não param de trabalhar nessas terras proibidas pelo patrão.

RIO GRANDE DO NORTE

No dia 16 de agosto comemorou-se, em Pureza, o 25º aniversário do casamento de José dos Santos e Nevinha, com a participação de grande número de leigos e amigos do casal.

Fomos até lá para comemorar com todos os companheiros da Diocese de Natal e nossos companheiros de ACR.

O início da festa foi a missa celebrada por Dom Costa, bispo auxiliar da diocese, que ressaltou o importante testemunho do casal de leigos e afirmou que a sua presença, como bispo, era o sinal da aprovação ao trabalho de José dos Santos na região, como militante da ACR e membro da Igreja de Natal.

Após a missa fomos para a casa de José dos Santos, para comemorar com o almoço muito participado e logo após tivemos os violeiros e emboladores de coco, que abrilhantaram a festa debaixo dos cajueiros do quintal.

Visitamos também o roçado do companheiro e vimos que é com a mesma alegria e disposição que o casal José e Nevinha trabalham, tanto no roçado material como no grande roçado humano, no qual, pelo Evangelho são chamados a preparar.

Trabalhador sem terra

• Os trabalhadores rurais do povoado de Riacho Grande, município de Casa Nova (BA), estão resistindo desde domingo, dia 29 de junho, à invasão de suas terras pela Empresa Camaragibe, que quer implantar o projeto de irrigação para a plantação da mandioca, numa área de 30 mil hectares, atingindo 56 famílias num total de mais de 350 pessoas.

Homens, mulheres e crianças que nasceram naquela terra e dela precisam para sobreviver, estão sem poder trabalhar e ameaçados de serem vencidos pelo cansaço e pela fome.

Deixaram suas casas para, dia e noite, defenderem as suas posses dos tratores e jagunços da AGRO-INDÚSTRIAL CAMARAGIBE S/A., empresa com sede no Rio de Janeiro, com incentivos do Proálcool, que com seu projeto quer expulsar os legítimos donos das terras.

(Circular enviada pelo S.T.R. de Juazeiro/Bahia).

FAÇA SUA ASSINATURA DO "GRITO DO NORDESTE"

ESCREVA-NOS: Rua do Giriquiti, 48 — Boa Vista

CEP — 50.000 — Recife/Pernambuco

TRABALHADOR RURAL	CR\$ 40,00
OUTRAS PESSOAS	CR\$ 50,00
UM SÓ NÚMERO	CR\$ 10,00
SENDO MAIS DE 10 NÚMEROS (CADA UM)	CR\$ 7,00

Progresso das barragens, lavradores com fome

Os trabalhadores rurais do município de Petrolândia defrontam-se mais uma vez com as ameaças da CHESF.

Desta vez, acham-se ameaçadas de serem expulsas de suas terras, as 200 famílias das comunidades de Quixaba, Ico de Quixaba, Logrador, Bananeira, Camaratu, Cachoeirinha, Serrotinho e Riacho Salgado.

Com o início das obras da Barragem de Itaparica essas famílias, num total de 1.500 pessoas, terão de sair de suas terras em vista de serem bem próximas ao eixo da barragem.

Há vários meses a CHESF tenta invadir as terras dos trabalhadores, sem que um pé de algodão tenha sido avaliado. Somente a resistência firme dos trabalhadores tem defendido suas terras das investidas da companhia.

Estes estão obrigados a fazer vigílias no local, inclusive com a ajuda das comunidades vizinhas, para não ver suas terras invadidas sem levantamento algum, suas benfeitorias destruídas sem serem avaliadas e nem indenizadas, enfim, suas terras tomadas sem terem para onde ir com suas famílias.

Nós, lavradores e pescadores da Ilha do Paulista, município de Xique-Xique (BA), queremos dizer para todos os nossos companheiros a situação de miséria e fome que estamos enfrentando aqui na região do São Francisco.

A segunda cheia veio em fevereiro desse ano, o rio vazou em abril e a gente só pode plantar em maio, porque tudo estava debaixo da água.

Agora perguntamos: qual é a agricultura aqui em nosso lugar, que dá quando se planta em maio?

Por causa do plantio ser tarde demais, veio a friagem e atacou o nosso feijão. O milho foi destruído pela "mundiça" (pragas). Depois das cheias, tem terras nas ilhas que até o mês de julho não se pode plantar, tudo está debaixo da água.

Antes de ser feita essas barragens, a gente vivia como pobre, mas tinha a nossa mesa farta, com o milho, o feijão e ainda o peixinho que se vende em Xique-Xique. Hoje, a coisa mudou, e mudou foi prá pior, o que temos com fartura é a nossa companheira fome. Estamos esperando mais outra cheia ainda este ano. Da nossa roça não esperamos nada, o peixe é o nosso ganha pão, mas não tem preço.

O ano passado, nós ainda recebemos uma esmola pelos nossos prejuízos. Esse ano não recebemos nada. Não somos gente por acaso?

Lembramos aqui uma das conclusões do Documento Final do 5º Encontro do Vale do São Francisco:

"Consideramos justa a decisão dos posseiros, tanto por terem um direito líquido às terras, quanto pelo fato de não aceitarmos o PRO-ÁLCOOL na sua política de promo-

ver grupos econômicos sem a menor preocupação social. Não consideramos progresso a produção de álcool para "alimentar" os motores dos automóveis em prejuízo da produção de alimentos para o povo. Mais ainda, achamos que é tempo de abandonar a loucura da Indústria Automobilística e, em seu lugar, implantar sistemas mais baratos e mais eficientes de transporte, especialmente as ferrovias.

Notícias breves

ANIVERSÁRIOS

Setembro: 22 — Raimundo Nonato (Pernambuco).

Outubro: 01 — Maximínio Pereira (Vitória/PE); 12 — Serafim Cardoso (Minas Gerais); 18 — Justo Evangelista (Maranhão).

Novembro: 08 — Marcus (Alagoas); 29 — Padre José Tournier (Alagoas).

ENCONTROS PREVISTOS

— 1980 —

Assembléia da A.C.R. na Paraíba: de 18 a 21 de setembro.

Assembléia da A.C.R. em Natal/RN: de 15 a 17 de setembro. Encontro da A.C.R. em Caçado/PE: de 01 (noite) a 04 (meio dia) de outubro. Assembléia Geral da A.C.R. (15º Aniversário do Movimento): de 19 a 26 de outubro, no Seminário de Olinda, perto de Recife/PE.

Mulher, ontem e hoje

No tempo de Jesus, a mulher não era considerada.

Mas já havia naquele tempo tipos diferentes de mulher; citaremos dois exemplos: o de Marta e o de Maria a mãe de Jesus.

Marta é o tipo da mulher doméstica, dona de casa, que arruma, lava, cozinha, carrega água, é o tipo da mulher de cama, criança e cozinha.

Mas Maria não, era o tipo da mulher participante, estava aberta para a comunidade, para os acontecimentos. Maria era o tipo que não aceitava escravidão, o machismo, a prisão de quatro paredes, a injustiça sofrida por outras mulheres da sua classe. Era o tipo da mulher que não se acomodava, lutava por melhores dias junto a seu marido, que era trabalhador-operário. E o mundo precisa hoje desse tipo de mulher, que descubra as profundas injustiças, e lutem por sua dignidade, que acreditem na sua capacidade de mudar as

coisas, juntamente com seus companheiros igualmente explorados.

Assim como foi Marta e Maria no tempo de Jesus, hoje existe as mesmas situações e foi pensando nestas situações e muitas outras, mais presentes e concretas, que realizou-se o 1º ENCONTRO DE MULHERES DO MEIO RURAL, em Teófilo Otoni, Minas Gerais, de 1º a 3 de Agosto de 1980.

Discutimos vários assuntos referentes a mulher, tais como: a exploração sofrida pela mulher na sociedade, a submissão imposta pela sociedade, a insegurança que vem desde que nasce, o complexo de inferioridade em relação ao machão, a educação familiar que desde pequena diz-lhe que ela somente pode brincar de bonecas e lavar panelas, enquanto seu irmão pode trepar em árvores, sair sem roupa, sair sozinho, etc.

Vendo tudo isto as participantes concluíram o seguinte: que as mulheres das

famílias trabalhadoras, tanto do campo como da cidade, precisam se juntar para discutir e enfrentar seus problemas, que vão desde a educação dos filhos, passando pelos trabalhos domésticos, trabalho assalariado, seja no campo ou na fábrica, o relacionamento com as outras companheiras, as lutas da classe trabalhadora, os trabalhos da comunidade, no sindicato com seus companheiros, pois são problemas que atingem a classe trabalhadora toda, homens e mulheres.

Viram que a mulher precisa lutar e não ficar acomodada, diante das situações de injustiça, de opressão, de escravidão, no tratamento desigual no trabalho.

E a conclusão final das mulheres presentes é que a participação da mulher é fundamental para a transformação da sociedade.

Perguntas para refletir em grupo:

— Com se comporta a mulher da sua região?

— Ela é participante dos problemas da comunidade ou é, acomodada?

— Vocês já pensaram em se reunir para conversar sobre isto?

O projeto japonês

Quando o Ministro Delfim Netto falou que para fazer a Reforma Agrária seria preciso colocar dois trabalhadores no pé de cada trabalhador brasileiro, a gente pensou que era piada de mau gosto. Mas ele já conhecia os planos do governo brasileiro de entregar terra a empresas japonesas.

Esses planos já vinham sendo preparados desde 1972, pelo governo japonês e foram objetos de acordos assinados pelos dois governos.

Foi criada a empresa CAMPO (Companhia de Promoção Agrícola), formada por capitais de empresas japonesas e brasileiras.

O governo brasileiro se comprometeu em fazer a infra estrutura: estradas, pontes, barragens para irrigação, estradas de ferro de Pirapora e Anápolis até Vitória (ES), onde será construído um novo porto de exportação. É um projeto muito caro.

A área do CAMPO vai atingir metade do Estado de Minas e metade de Goiás (500.000 Kms²), muito mais do que a

área do Japão. Não são terras desabitadas. São terras planas, que já produzem arroz, gado e até minérios. Para liberar essa área é preciso expulsar os pequenos, engolindo-os pelos tubarões.

As empresas brasileiras e estrangeiras que já estão na área, poderão entrar no projeto como acionistas. Mas tudo será comandado pelos técnicos japoneses.

Os técnicos do IPEA reprovaram o projeto porque é caro demais, vai tirar muitos brasileiros de suas terras e já existe técnica brasileira para fazer o mesmo que os japoneses vão produzir. Por causa desse voto contrário, os técnicos foram demitidos.

A Federação dos Trabalhadores Rurais de Minas Gerais também se pronunciou contra o projeto, através de seu programa FETAEMG no campo. Pouco depois esse programa foi cassado por ordens do governo.

Há grande interesse em que o povo continue de olhos fechados. O projeto já está sendo implantado em algumas regiões,

mas sem que o povo saiba os verdadeiros objetivos.

A PRODUÇÃO

Este projeto é totalmente orientado para a exportação de alimentos. Daí a necessidade de estradas de ferro e um novo porto no Espírito Santo.

Produzirá arroz, milho, soja a baixo preço para pagar a dívida externa do país. Será que a dívida vai diminuir ou aumentar com tantos investimentos exigidos pelo projeto?

OS TRABALHADORES RURAIS

Está previsto que as pessoas expulsas de suas terras serão, em parte utilizadas nas obras como assalariados. Mas virão também 10 milhões de japoneses (2 milhões e meio de famílias).

É a celebre Reforma Agrária de que fala Delfim Netto. Falta terra para 10 milhões de famílias brasileiras e importamos 10 milhões de japoneses. Será que é esse o interesse do país?

Será que não pagaríamos melhor a dívida externa dando terra, crédito, ensino, tratamento de saúde e meios de transporte às famílias brasileiras da terra?

Como a classe trabalhadora poderá responder a estes grandiosos projetos que vão contra os seus interesses?



a) Foi assassinado em emboscada, no dia 29 de maio passado, o líder camponês da Região do Araguaia, Raimundo Ferreira Lima, mais conhecido por "Gringo" que há anos vinha se destacando na luta com seus companheiros pela defesa de seus direitos mínimos: o direito da terra onde vivem e o direito ao trabalho. Agora ele era o candidato a presidente do Sindicato de Conceição do Araguaia, pela chapa de oposição.

Por tudo isso, os fazendeiros, jagunços e a própria polícia odiavam o Gringo e o trabalho que ele representava, por isso não descansaram enquanto não o assassinaram.

Apesar de já ter sido identificado o assassino, que matou Raimundo a mando dos fazendeiros, até agora as autoridades não tomaram nenhuma providência.

b) No dia 5 de junho de 1980, o peão Constâncio Soares foi barbaramente morto pelo fazendeiro Odacir Denardin, ajudado por dois soldados, mais o cabo do Destacamento de Tiaraju, em São Gabriel (RS), onde ocorreu o crime.

Mataram líderes rurais

O peão foi enterrado com um atestado de óbito falso, emitido por um médico, que mesmo sem ter visto o cadáver, atestou a causa da morte como sendo "enfarte do miocárdio". Porém os advogados contratados pelo enteado da vítima, solicitaram a exumação do cadáver, constatando que a causa verdadeira da morte foram as graves lesões nas pernas, fratura no crânio e inclusive, lesões nos órgãos genitais, sofridas em longas torturas.

O motivo destas torturas é que o fazendeiro Denardin queria vingar-se da vítima, que havia entrado na Justiça do Trabalho, exigindo o pagamento de seus vencimentos referentes a 5 anos de trabalho, quando era empregado na fazenda de Denardin.

c) O líder camponês Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, foi assassinado na sede do sindicato, no dia 21 de julho de 1980, em Brasiléia, no Acre. Esse fato provocou uma grande revolta popular e ações de vingança.

No dia seguinte ao crime, num clima de grande emoção, 1500 pessoas foram ao enterro de Wilson. Uma semana depois uma outra manifestação reuniu cerca de 2500 pessoas e, nessa ocasião, vários líderes rurais juraram vingar a morte do líder sindical morto.

d) O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntes, em Pernambuco, José Francisco dos Santos, de 39 anos de idade, foi apanhado dia 15 de agosto último em emboscada, sendo morto por pistoleiros profissionais que atuam a mando de grandes fazendeiros da região.

O assassinato ocorreu entre a cidade de Correntes e o sítio onde residia com a mulher e quatro filhos. A Fetape atribui esse fato criminoso, à atuação sindical que o presidente vinha desenvolvendo em defesa dos interesses dos associados.

Juntando-se a essas mortes, que ocorreram no campo nos últimos meses, lembramos os sequestros dos dois trabalhadores da chapa de oposição do sindicato de Santarém (PA), a reação dos posseiros contra ataque de grileiros, em Paranatinga, Mato Grosso do Sul, colocando fora de combate nove deles e tantos outros casos onde a violência cresce a cada dia.

Vemos que os casos isolados de vinganças, não solucionam o problema do homem do campo. Resta-nos perguntar, quando esse homem, injustiçado e humilhado, terá o direito às condições mínimas de vida, à posse da terra, de se organizar nos seus sindicatos e ter garantias de vida?